

MODESTO, Luiz Sergio; TÁPIA, Marcelo (2006). Útero. Em *Mnemozine - Revista de Literatura*. Revista on-line. Arquivo <Mnemozine.exe>. Criação. N. 03. São Paulo: <<http://www.cronopios.com.br/mnemozine/index.swf>>.

MODESTO, Luiz Sergio (2006). haiku óptico. Em *Mnemozine - Revista de Literatura*. Útero. Revista on-line. Arquivo <Mnemozine.exe>. Criação. N. 03. São Paulo: <<http://www.cronopios.com.br/mnemozine/index.swf>>.

MODESTO, Luiz Sergio (2006). Guard Free. Em *Mnemozine - Revista de Literatura*. Útero. Revista on-line. Arquivo <Mnemozine.exe>. Criação. N. 03. São Paulo: <<http://www.cronopios.com.br/mnemozine/index.swf>>.

ÚTERO

LUIZ SERGIO MODESTO
MARCELO TÁPIA



uma imagem e poucas palavras

MARCELO TÁPIA

Obra do Acaso? Certamente: considere-se este um engendramento de contingências, uma confluência de coincidências, ou mesmo Deus, algo a fez existir. Mas certamente, também, esse algo envolve a multiplicidade de fatores, um autor cuja ação abarcou o mundo. Por isso, esta não poderá ser vista como obra de apenas um mortal, ainda que o realizador da foto tenha um nome: Luiz Sergio Modesto, amante da fotografia e, também – poeta que é –, das palavras. Ele estava naquele lugar naquele dia, naquela hora, naquele minuto, naquele segundo, segundo que lhe deu de presente um duplo, articulado por uma nuvem que ali passava, com a aparência configurada pela interação de seu vapor, mantido assim em sua coesão, com os ventos que o trouxeram para ali, naquele exato instante.

Digamos o óbvio: a nuvem parece ter sua forma em correspondência quase perfeita (a perfeição existe?) com a copa da árvore, cena presenciada em um parque de Amsterdam (não há montagem ou retoque). Momento, flagrante, gesto, clic: um *ready-made* naturalmente propiciado por um ensejo breve, contemplação de um eu sujeito à rápida ação do tempo, congelada em imagem perene: o gesto de captura do real aprisiona-o, ao mesmo tempo em que o amplia na dimensão temporal de sua existência, libertando-o de seu caráter efêmero.

Paridade, paronomásia de formas, paradigma de unidade a partir do duplo, feito de naturezas diferentes e contrapostas, pólos avessos e complementares de uma realidade que se move na transitoriedade para consubstanciar-se em representação concreta de um evento que, concreto quando de sua realização, permanece transposto a uma virtualidade intrinsecamente abstrata; mas que conduz ao estado de arte o simples curso da natureza, tomado em um átimo que o presentifica para sempre. Tais entidades opostas, nuvem e árvore, convivem harmonicamente em sua propriedade diversa: uma, gasosa, móvel, celeste; outra, densa, fixa, terrestre. A imagem passa a ser um ideograma – cujo sentido desdobrar-se-ia da associação de contrários afinados em sua forma correspondente –, ou um hexagrama (do *I-Ching*) composto pelos trigramas terra e céu.

A foto, evidentemente, é um poema. Um poema sem autor, pois este deve conter os desígnios do mundo, e isso não é uma tarefa cabível num autor. Um corpo presente e seu ato não são suficientes para atribuir a alguém tal autoria: parece realizar-se uma forma que faz justificar a visão antiga de que o poeta-cantor era um instrumento das Musas, despojando-o da posse da obra que trouxe ao mundo. Não se trata de uma simples “inspiração”, mas daquilo que permite a um instrumento realizar algo que lhe é oferecido, de alguma forma – um vento benfazejo, um sopro, uma expiração que dá som à flauta –, por um engendramento de contingências, ou uma confluência de coincidências, ou mesmo Deus.

haiku óptico

LUIZ SERGIO MODESTO

Este “haiku óptico” **GUARD FREE** foi registrado no *Vondelpark*, Amsterdam, em 13/07/04, junto com outros experimentos (um deles programado para exposição na Lituânia e circulação itinerante pela Europa nesse final de 2005 e começo de 2006). Tais trabalhos indiciam minha pesquisa sobre a *pulsão semântica* no suporte da *fotografia* como *arte*, não apenas o seu costumeiro uso ilustrativo ou decorativo dialetal na poesia.

Quanto ao registro fotográfico, foco o uso da luz, corte e composição triádica em sintaxe dialógica com a memória da pintura, desde as rupestres até o filtro das vanguardas no impressionismo, expressionismo e abstracionismo, buscando, entre espeleólogo e astrônomo, nos efeitos já trabalhados por esse passado-futuro um diálogo problemático pelos meios (pigmento, grão, dígito, pixel), contudo (e esse é o desafio) sem as vantagens do controle da tinta, pincel e tela, apenas com a objetiva, diaframa e velocidade no domar ^{han} (shih: *acaso* para os *han* - chineses) da luz. Faço o negativo de um *han*, no fio de seu pincel de *nan ching* uma linha cima-baixo de mínimos dois a três similigramas (*Lao Tzy* em *Tao* exemplifica os *han*): no pincel de minha objetiva um fotograma semântico triádico em códigos e tempos cruzados para as telas do corpo consumidor.

Busco tirar desse diálogo fotos com carga semântica, fotos que murmurem sintéticas, que o receptor responda com autodiálogo (os olhos cortam da direita para a esquerda, de cima para baixo como os *han*), colocando o poema fotográfico como linha significante exsolvendo amalgamada com outros códigos, dentre eles, a textura de cores por objetos cotidianos indicados na formatação verbal. A fotografia pode ser mais do que coadjuvante ilustração, voltar para o laboratório. Pode seduzir. Pode saltar sua mão do espaço bidimensional euclidiano para o espaço-tempo quadridimensional no tesão do receptor incauto e, reativo, molhar-se. Também pode ser subvertida para o extracotidiano. Esse o precipício de onde vôo na curva do orgasmo *back trip carpe diem*.

Como dito, esse *haiku óptico* foi saboreado no *Vondelpark*. Tomei por emulação deformativa a técnica mais próxima possível de minha disposição criativa: o “deslocar de contexto” no “ready-made” de Duchamp. Os objetos da foto - *blue and cloud and tree* - não são objetos acabados, manufaturados e de consumo popular, deslocados do contexto e uso para a apreciação estética do artista, conforme Duchamp em 1913.

O haiku óptico depende exclusivamente da singularidade no acaso “*free*”, sem controle algum do receptor fértil, dependendo apenas do óvulo da percepção estética, repertório mnemônico aceso, e *antena objetiva* no átimo da conduta *wu wei* (*vago fazer* em *Tao: Lao Tzy*). Fiz duas fotos, porque a nuvem refazia-se breve. Na primeira pressenti, na segunda, o sentido murmurado nos cheiros da liberdade *cloud-tree* e o olho *click: GUARD FREE ...*

O conúbio amoroso da paz ambiente com a liberdade coletiva ali em tempo real é que traduziram conteúdo semântico instantâneo ao *haiku*. Caso não fosse colhido o *click*, perdida a látera porta do tempo aberta. Muitas vezes isso ocorre e nos punimos dizendo que *as uvas estavam verdes*. Quase não as colhi e aqui coube o “ready”, não o “made”, mas o ready “flight” dos *clicks*. Sem subversão: sem arte.

Percebi naqueles dois momentos que poderia desconformar, subverter a técnica mais próxima, a de Duchamp, mas achei que a sutileza do fotograma e de seu foco semântico passariam despercebidos e, por perfeccionismo e rigor negligente, fiquei com duas fotos sequenciais e o salto lógico no berço do *hipocampo*. Sem salvar o texto, deixei as uvas madurando na memória de trabalho do software neuronal. Vinho virtual.

Um inverno depois daquele “*nobody-told-me-paradise-get-here*”, respirando arte, “folheando” a revista eletrônica *Mnemozine*, sugado pelos circuitos da *web*, em agradável e fecunda companhia, a que em seguida mastigaria minhas fotos colhidas em Amsterdam (Lyon, Paris e Londres ficaram para depois), registrei o salto perceptivo do poeta Marcelo Tápia quando viu os fotogramas, e decupou do texto os recursos que cruzei:

o silêncio pára o folheio

afasta dos olhos fotos seqüentes

meneando ... hummm

Irmão, você recolocou na minha tela o que o meu perfeccionismo negligenciou no útero da memória de trabalho. Acreditava que só eu entenderia o poema e nesse caso: sótão neurônico. O parteiro marcelino desarmou o meu rigor excessivo: percebi que além de mim, mais alguém perfumou-se dos fótons de *Vondelpark* e nesse caso cabe libertar o olfato ao frasco do *haiku óptico*.

Escapou do *del*: passou no teste do *hummm ...*

Luiz Sergio Modesto - artista multimídia: publicações, performances, poema háptico, *sculpture-software*, *minimal motion picture*; antologias e exposições no Brasil e no exterior, pesquisador no CNPq; Ph.D. em Comunicação e Semiótica (PUC), Doutor em Direito (Política - USP), Mestre em Direito (Direito Constitucional - USP); publicações e conferências no Brasil e no exterior. E-mail: <luizsergiomodesto@ig.com.br>

